

“O BRASIL E A CHINA NA NOVA ORDEM MUNDIAL MULTIPOLAR”

“A marcha do Céu é perene, nem a vinda de Yao nem a queda de Jie em nada o alteram”. Xun Zi.

“O verdadeiro século da Ásia-Pacífico, ou da Ásia, só chegará quando China, Índia e os demais países vizinhos tenham se desenvolvido. Igualmente não haverá nenhum século da América Latina sem o desenvolvimento do Brasil” Deng Xiaoping.

Severino Cabral, D.Sc.

Diretor-Presidente do IBECAP

O início do século XXI apresenta o mundo em grande e rápida transformação. A extraordinária revolução na ciência e na técnica habilita a humanidade a alcançar novos graus de desenvolvimento na arte de criar riqueza e gerar prosperidade. A comunicação via satélite e os meios de transporte aéreo praticamente uniram o mundo inteiro. Indivíduos e nações se aproximam e se relacionam cada vez mais em todos os horizontes do planeta. Pouco e pouco se estrutura uma nova ordem mundial baseada no entendimento e na cooperação de todos os países do mundo, baseada na independência e autodeterminação dos povos. Por outro lado esta nova ordem pressupõe o rápido crescimento econômico e social de países que em diferentes estágios de desenvolvimento. O que se traduz também por tensão e instabilidade, por vezes geradoras de crises e conflitos.

Faz pouco tempo um relatório da firma Goldman & Sachs, de Londres, despertou a atenção de analistas de todo mundo, ao prever para o ano de 2050 a emergência do BRIC. Na antecipação dos autores do relatório, por volta de metade do século XXI a estrutura do sistema mundial de poder estará apoiada na economia dos países cujas iniciais formam o acróstico: Brasil, Rússia, Índia e China. Esses países, por essa altura, se situariam no topo do sistema mundial. O relatório serviu para atrair a atenção para a existência de macrotendências do sistema mundial no século e milênio que ora se inicia.

Essas macrotendências desenham uma linha central que aproxima e fazem convergir, em graus e intensidades variadas, as estratégias dos grandes países do mundo emergente. Observa-se nesse processo que a China tenta consolidar o seu processo de

industrialização, e ampliar sua participação no sistema internacional, apoiada na defesa de uma ordem mundial estável. No caso do Brasil--- que é o maior país em desenvolvimento do hemisfério ocidental, detentor de recursos naturais imensos, e de uma grande população, desejosa de contribuir para a elevação do bem estar material e espiritual de todos os povos --- essas macrotendências presentes na cena internacional fazem-no cada vez mais interessado, num esforço conjunto com a China, Rússia e Índia, numa pauta comum em defesa do desenvolvimento pacífico e sustentável. Compreendido este último como uma resposta ao desafio gerado pelo aparecimento de uma economia globalizada e as ameaças dela resultante: ampliação da diferença de renda entre ricos e pobres, degradação ambiental, aumento do hiato financeiro, científico e técnico existente entre os países industrializados e o mundo em desenvolvimento.

Assim que--- para “navegar nessa nova onda global”, que desafia todos os países e ameaça a humanidade com o duplo flagelo do aquecimento do planeta acoplado ao desaquecimento econômico mundial--- a estratégia a ser seguida por cada ator da cena mundial deverá estabelecer a “sobrevida dentro do ciclo” como a sua principal meta. O que resultará é claro num reforço da proteção dos recursos naturais e humanos de cada unidade política ativa do sistema internacional. Esta reação de autodefesa pode vir a desatar uma corrente protecionista entre as economias industriais e acarretar uma deterioração do comércio mundial, aprofundando o processo de crise da economia mundial e trazendo sérios entraves para o desenvolvimento dos países emergentes.

Outra tendência evidencia o risco que correm as unidades políticas nacionais com o aumento de tensões separatistas geradas por movimentos sociais radicais de fundo político-ideológico, étnicos e religiosos. Na outra ponta dos movimentos de “capitais desregulados” que provocam a desestabilização econômica mundial, esses movimentos sociais radicais também atuam para aprofundar a crise sistêmica e ameaçar a unidade e a integridade dos Estados. Neste sentido visualiza-se uma crescente instabilidade nas diversas regiões do mundo, notadamente naquela que se situa no epicentro da crise mundial, estendendo-se do Norte da África e do Médio Oriente ao Centro e Sul da Ásia.

Em que pese essas tendências e a vasta crise financeira global a gerar incertezas permanece a tendência principal de emergência de novos centros de poder mundial e do surgimento da multipolaridade como uma nova configuração da estrutura do sistema internacional. Sistema que se apresenta em seus principais contornos nesse início de século XXI marcado essencialmente pela presença dos países que constituem o BRICS--- Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul--- mega estruturas de poder por sua indústria, população, extensão territorial e recursos naturais.

Megapotências do século XXI, esses países estão desafiados a manter o crescimento das suas economias para atingir novos degraus na busca do desenvolvimento sustentável e harmonioso. O que implica que se tornem uma força conjunta a trabalhar para a reativação da economia mundial e consequente retomada dos mais altos níveis de crescimento e desenvolvimento, como acabamos de assistir quando da realização na ilha de Hainan, China, da III Cúpula Presidencial do BRICS.

Desde 2010 a irrupção na cena internacional da concertação política dos países emergentes reunidos na sigla BRIC tem gerado fatos portadores de futuro. Depois da reunião dos chanceleres do Brasil, Rússia, Índia e China na capital brasileira, os presidentes desses países vieram a se encontrar na reunião anual do G-20, em Seul, acompanhados do México e Argentina, onde mais uma vez puderam debater com as demais potências globais as bases de um entendimento maior sobre os rumos da política internacional. A continuidade da crise financeira, pois, levou-os a discutir a nova arquitetura financeira internacional com o conjunto dos países industrializados.

A questão chave para o equilíbrio de força mundial pós Guerra Fria continua a ser a constituição de uma aliança estratégica entre os maiores países do mundo que emergem para a cena internacional nesse começo de século e de milênio. A estrutura do poder mundial, herdeira de uma evolução multissecular, só poderá vir a ser alterada de maneira positiva--- sem quebra maior da unidade alcançada com o final do processo de colonização centralizada na Europa e que resultou no aparecimento de duas centenas de

nações soberanas---com a emergência de novos suportes da estabilidade da ordem internacional.

Tal como à época da Guerra Fria e do equilíbrio do terror nuclear se exercitava a “chantagem nuclear” em nossa época se pratica o que se poderia chamar de “chantagem climática e ambiental”. Em nome do combate ao desenvolvimento predatório e dissipador de recursos se tenta pura e simplesmente impedir o desenvolvimento. De um lado, o conservadorismo ambientalista irmanado com o ativismo militante ergue barreiras ao crescimento e a geração de riqueza, de outro, os organismos internacionais praticam o protecionismo a favor dos países desenvolvidos criando óbices a políticas que favoreçam o mundo em desenvolvimento.

Eis porque o Brasil e os demais países do BRIC devem liderar o esforço mundial para a superação desses limites. Tendo em vista a crescente presença na cena internacional e o seu protagonismo no campo das praticas econômicas os gigantes emergentes deverão orientar o ritmo do crescimento da economia mundial nas próximas décadas. Nos recentes e importantes encontros dos chefes de Estado desses países algo neste sentido começou a tomar vulto. Os textos e documentos divulgados pelos sites dos Ministérios de Relações Exteriores falam por si quanto ao significado da concertação estratégica entre os gigantes do mundo emergente do século XXI.

A Cúpula do BRICs, que reuniu em abril deste ano os chefes de Estado e de Governo do Brasil, Rússia, Índia e China, em Hainan/China, viu o mundo começar a se familiarizar com a sigla e também com o que ela significa para a ordem mundial multipolar que se está a criar num ambiente internacional ainda marcado pelos acontecimentos que geraram as Guerras do Golfo e o incidente de 11 de setembro de 2001. Esses países juntos somam 42% da população mundial, 14.6% do PIB e 12.8% do comercio mundial em números de 2008.

A Cúpula dos chefes de Estado e de Governo do BRIC S na China fez crescer a expectativa de que a partir dela venha ampliar-se o consenso em torno de seus interesses

comuns e coordenar seus esforços na contenção dos efeitos da crise econômica global ao mesmo tempo em que propõem a reforma do sistema financeiro internacional no sentido de favorecer uma melhor administração da crise em benefício de todos os membros da comunidade internacional. A negociação política que encabeçam não ameaça a nenhum país ou bloco de países, mas tem o caráter de resguardar os interesses dos países e povos do mundo em desenvolvimento.

A ordem mundial que se anuncia para o século XXI será democrática e representará um novo momento do sistema internacional. Certamente estará baseada nas regras institucionais que hoje balizam a vida política internacional cada vez mais interligada pelo conhecimento e pelo entendimento entre os povos de todos os continentes. Claro está que os fatores que levam da competição ao conflito existem e devem ser conhecidos e combatidos no que venham a ferir o bem comum das populações e das sociedades. O que deve ser posto em prática é a transigência e a busca da harmonia dentro da diversidade, e a diferença e convergência de interesses representados pelo BRICS, pode representar um princípio cultural e civilizacional com valor universal capaz de sustentar a nova ordem mundial multipolar e democrática.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS:

AZEREDO DA SILVEIRA, A. F. **Discurso em Brasília, 15 de agosto de 1974:** Brasil-China, 20 anos de relações (1974-1994). Rio de Janeiro: Conjunto Universitário Candido Mendes, 1994.

BIATO JR., Oswaldo. **A Parceria Estratégica Sino-Brasileira:** origens, evolução e perspectivas (1993-2006). Brasília: FUNAG, 2010.

BRZEZINSKI, Zbigniew. **The Grand Chessboard:** American Primacy and its Geostrategic Imperatives. New York: Basic Books, 1997.

_____. **The Choice: Domination or Leadership.** New York: Basic Books, 2004.

_____. **Second Chance: Three Presidents and the Crisis of American Superpower.** New York: Basic Books, 2007

CABRAL, Severino. **Encontro entre Brasil e China: cooperação para o século XXI.** Brasília: Revista Brasileira de Política Internacional, ano 43, n.1, 2000.

_____. **Brasil Megaestado: nova ordem mundial multipolar.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

_____. **O Brasil e a China: relações de cooperação no século XXI**". Macau: Instituto Internacional de Macau, 2005

CESARIN, Sergio & MONETA, Carlos. **China y America Latina: nuevos enfoques sobre cooperación y desarrollo**". Buenos Aires: BID/INTAL, 2005

CHINA FOREIGN AFFAIRS, 2007 EDITION. Beijing: World Affairs Press, 2007

FAIRBANK, J.K., REISHAUER, E.O, CRAIG, A.M.. **East Asia; Tradition and Transformation**". Tokyo: Houghton & Mifflin, 1976.

GARCIA, Eugenio Vargas(Org.) **Diplomacia brasileira e politica externa : documentos históricos-1493-2008**". Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

GARY NGAI (Org.). **Macau—puente entre China y America Latina.** Macau : MAPEAL /IIM, 2006

GODEMENT, François. **La Renaissance de l'Asie.** Paris: Éditions Odile Jacob, 1993.

GOLDMAN & SACHS. GLOBAL ECONOMICS PAPER N. 99: **Dreaming with BRICs: the Path to 2050**", October 2003.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro (Org.). **Brasil e China: multipolaridade.** Brasília: IPRI/FUNAG, 2003.

HACHIGIAN, Nina & SUTPHEN, Mona. **The Next American Century: How the U.S. Thrive as Other Powers Rise.** New York: Simon&Shuster, 2008.

HU JINTAO. **Que creemos juntos una nueva perspectiva de la amistad entre China y America Latina y el Caribe.** Discurso del Presidente de la RP China ante el Congreso de Brasil, 12 de noviembre de 2004.

HUNTINGTON, Samuel P. **The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order.** New York: Simon & Schuster, 1996.

JIANG ZEMIN. **Reforma e construção da China**. Rio de Janeiro: Record Editora, 2002.

KHANNA, Parag. **The Second World** : Empires and Influence in the New Global Order. New York: Random House, 2008.

KISSINGER, Henry. **Diplomacy**. New York: Simon& Shuster, 1994.

_____. **Does America Need a Foreign Policy?** Toward a Diplomacy for the 21st Century. New York : Simon& Schuster, 2001.

MAISONNEUVE, Eric de La. **Stratégie, Crise et Chaos**. Paris: Economica, 2005.

MONTBRIAL, Thierry de . **L'Action et le Système du Monde**. Paris : PUF, 2002.

NADOULEK, Bernard. **L'Épopée des Civilisations**. Paris: Eyrolles, 2005.

RAMESH, Jairam. **Making Sense of Chindia**: Reflection on China and India. New Delhi: India Research Press, 2005.

XUN ZI. **Philosophes confucianistes**. Paris, Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard, 2009.